

* Artigo Original

Queimada – o uso de um filme histórico na formação em saúde, Haiti, 2012

Stela Nazareth Meneghel

Médica sanitarista, mestre e doutora em Medicina (UFRGS, 1989, 1996) pós-doutora em Psicologia Social (UAB, 2006). Professora adjunta do Curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde - Bacharelado em Saúde Coletiva, do PPG Saúde Coletiva e PPG Enfermagem/UFRGS. Bolsista Produtividade CNPq. Membro do Grupo de Trabalho de Epidemiologia/Cooperação Triparte Brasil-Haiti-Cuba. - stelameneghel@gmail.com.

Alcindo Antonio Ferla

Médico sanitarista; doutor em educação e saúde (UFRGS). Professor adjunto da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Trabalho de Epidemiologia/Cooperação Triparte Brasil-Haiti-Cuba - alcindoferla@uol.com.br.

Joyce Mendes Shramm

Médica, mestre em Saúde Pública e doutora em Saúde Coletiva. Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz. Membro do Grupo de Trabalho de Epidemiologia/Cooperação Triparte Brasil-Haiti-Cuba. joyce.mendes.andrade@gmail.com

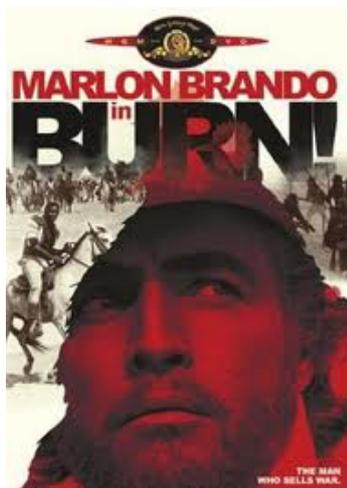
Fabiano Barnart

Graduando do curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde - Bacharelado de Saúde Coletiva da UFRGS.

Mayna de Ávila

Nutricionista, Graduando do curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde - Bacharelado de Saúde Coletiva da UFRGS.

DOI: 10.3395/reciis.v6i2.Sup1.623pt



Diretor: Gillo Pontecorvo

Elenco: Marlon Brando, Evaristo Márquez, Norman Hill, Renato Salvatori, Dana Ghia, Valeria Ferran Wanani, Giampiero Albertini, Carlo Palmucci, Thomas Lyons, Joseph P. Persaud.

Produção: Alberto Grimaldi

Roteiro: Gillo Pontecorvo, Franco Solinas, Giorgio Arlorio

Fotografia: Marcello Gatti, Giuseppe Ruzzolini

Trilha Sonora: Ennio Morricone

Duração: 115 min.

Ano: 1969

País: Itália/ França

Gênero: Drama

Este texto realiza uma análise crítica do filme *Queimada*, utilizado em uma formação em epidemiologia para trabalhadores do sistema de saúde do Haiti. O filme é antigo, mas está articulado a uma iniciativa recente que, de certa forma, lhe dá atualidade. A história se passa numa ilha fictícia chamada Queimada, localizada nas Antilhas Menores, e no filme seu nome é explicado pelo fato dos portugueses queimarem a ilha para vencer a resistência dos índios durante o processo de colonização, quando quase todos os nativos foram mortos. A seguir, os portugueses começam o tráfico de escravos da África para trabalhar nos canaviais e, segundo o mito da ilha, contado no início do filme, existe uma pedra branca e chata na praia chamada "Cemitério Branco dos Negros". Os corpos dos escravos que morreram durante a viagem eram colocados naquele local.

Ainda que contenha uma franca alusão à história do Haiti, o filme traz atores que não fizeram parte da história do Caribe, como os portugueses, que não tiveram nenhuma colônia nas Antilhas e seus supostos inimigos ingleses, já que os portugueses nunca romperam as relações com a Inglaterra. Embora haja incorreções históricas na narrativa de Pontecorvo, entendemos que o filme traz aportes importantes para a discussão acerca da realidade histórica do Haiti, a primeira revolução escrava vitoriosa das Américas.

A independência do Haiti, influenciada pela Revolução Francesa, é considerada a única revolta de escravos bem-sucedida desde a Antiguidade Clássica (MILANI, 2012). Em 1791, na ilha de Santo Domingo, o escravo Toussaint L'Overture inicia uma rebelião contra a elite dominante francesa, que se torna uma luta pela emancipação da colônia e abolição da escravatura. A guerra continua por um período de dez anos, quando ele é aprisionado pelas tropas de Napoleão Bonaparte e levado à França. Porém, os escravos continuaram resistindo e em 1804, Jean-Jacques Dessalines proclama a independência da ilha, que passou a se chamar Ayti – nome dado ao local pelas primeiras populações indígenas, que significa "a terra das montanhas".

A Ilha de Santo Domingo também é conhecida com Ilha do Haiti, Hispaniola ou Espanhola, nomes dados pelos europeus quando chegaram ao local. Pertence ao Arquipélago das Antilhas e depois de Cuba é a segunda maior ilha do Caribe. Localizada a oeste de Porto Rico e sudeste de Cuba, está dividida politicamente entre dois países: República Dominicana, a leste, e Haiti. Foi nesta ilha que Cristóvão Colombo estabeleceu a primeira colônia da América, em 1493.

Livres da França, os países que mantinham relações comerciais com a ilha, temerosos de que esse ato de rebelião se expandisse para as colônias americanas, isolaram economicamente o país. Além de ter de pagar uma quantia exorbitante de indenização para a França, o Haiti sofreu uma grave crise econômica, principalmente após a morte de Dessalines, em 1806 (SILVA, 2012b).

O filme foi utilizado em atividades de um programa de educação permanente de trabalhadores do sistema haitiano de vigilância em saúde, proposto pelo Grupo de Trabalho em Educação, Informação e Epidemiologia realizadas no âmbito da Cooperação Tripartite Brasil-Haiti-Cuba iniciadas após o terremoto que devastou parte do país em janeiro de 2010. O filme *Queimada* foi incluído no primeiro módulo do curso como um dos dispositivos pedagógicos para alavancar a discussão da história das doenças, epidemias e práticas sanitárias no Haiti.

A Cooperação Tripartite Haiti/Brasil/Cuba tem como um de seus objetivos principais o fortalecimento da capacidade institucional do Ministério da Saúde Pública e da População do

Haiti em ações de vigilância da saúde. Para atingir este escopo, foi elaborado um projeto de intervenção, prevendo a criação de salas de análise contínua de dados epidemiológicos, que se convencionou chamar de Espaços de Educação e Informação em Saúde. A proposta foi construída por uma equipe composta por representantes das instituições brasileiras, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por interlocutores do Ministério da Saúde e da População do Haiti e das Brigadas Cubanas.

Foi elaborado um projeto pedagógico (PROJETO, 2012) para a formação de profissionais de saúde haitianos que irão operar os Espaços de Educação e Informação em Saúde (EEIS). Esses espaços irão funcionar a nível departamental e tem como objetivo incrementar a análise de dados epidemiológicos produzidos nos 10 Departamentos ou regiões sanitárias haitianas, além de integrar as atividades das vigilâncias com educação em saúde. A capacitação busca o fortalecimento do sistema de vigilância epidemiológica (VE), além de contribuir para a melhoria dos sistemas de informação, das ações de vigilância em saúde e da gestão do sistema de saúde no Haiti.

Os conteúdos referentes às pedagogias que norteiam este processo incluem a educação permanente, a educação pautada nas práticas de trabalho cotidianas, a educação de caráter crítico e problematizador (BRASIL, 2007). Essa perspectiva transversaliza o processo de formação e está presente em todos os momentos do curso. O projeto será desenvolvido de modo teórico-prático, mantendo a intercomunicação entre ensino e trabalho, de modo que a aprendizagem esteja comprometida ética e operacionalmente com a qualificação dos serviços de saúde.

O conteúdo dos módulos foi escolhido em consenso pela equipe de trabalho Brasil-Haiti-Cuba, e o material teórico está sendo adaptado a partir de referências brasileiras e internacionais, mas focado na situação sanitária haitiana e nos dados demográficos e epidemiológicos do país. Os módulos serão desenvolvidos com base na experiência acumulada pelos três países cooperantes, nas propostas assistenciais de caráter universal, nas metodologias participativas e nos pressupostos da atenção básica em saúde.

Nesse processo, a epidemiologia é pensada como uma ferramenta de caráter crítico e social, alicerçada na realidade do país, focada na descrição, análise e resolução dos problemas prevalentes de saúde da população (BREILH, 2006).

Os módulos temáticos se referem aos grandes temas da epidemiologia, porém em conexão com as propostas da saúde pública. O primeiro módulo estuda os conceitos de saúde/doença, as práticas sanitárias e os sistemas de atenção em saúde. Um segundo grupo de temas diz respeito à descrição e às medidas de frequência das doenças na população, além da elaboração de indicadores demográficos, de saúde, doença e morte, enfatizando as desigualdades produzidas por gênero e classe social. Um último bloco se refere às vigilâncias do campo da saúde (epidemiológica, sanitária e ambiental, incluindo desastres e suporte de laboratório de saúde pública), além da análise da situação de saúde, pensada não só em seus aspectos quantitativos, mas abordando qualitativamente a cultura, a organização social, a produção artística e os movimentos de resistência encetados pela população.

Cada módulo é composto por um conjunto de atividades presenciais, guiadas por um texto teórico-prático, exercícios, textos, uso de comunidade virtual, estudos à distância, leituras adicionais, filmes e outros materiais. Utilizamos intensamente as referências cinematográficas

em todos os momentos do curso, entendendo que o filme pode ser utilizado como meio de reflexão crítica sobre os problemas da sociedade, incluindo os grandes temas da saúde coletiva.

A propósito do uso de filmes em sala de aula, podemos afirmar que as imagens, cada vez mais, são dotadas de sentido e são excelentes gatilhos para as discussões acadêmicas e para a aprendizagem. *"Filmes e vídeos detêm muito poder na cultura ocidental. Eles desempenham uma função bárdica. Negociam valores e significados culturais, disseminam informação (e desinformação), provocam mudança social e geram debates culturais fundamentais"*, diz Carl Plantinga (1997).

Para o primeiro momento do curso, em que discutimos a saúde como um acontecimento histórico, político e social, escolhemos o filme italiano chamado *Queimada!* (PONTECORVO, 1969). Pontecorvo, um diretor italiano dos anos sessenta, que também dirigiu o clássico "A Batalha de Argel", faz um cinema social, de denúncia, e em *Queimada*, retrata a situação de super-exploração de escravos em plantações de açúcar no Caribe do século XVIII.

A escolha desse filme em um Curso de formação de pessoas para operar os Espaços de Educação e Informação em Saúde que está sendo realizado no Haiti no âmbito da Cooperação Tripartite se deveu a vários aspectos, um deles é a dificuldade de obtenção da película, que foi banida no Brasil durante o período da ditadura militar, outro fato é de que também não é conhecida no Haiti. Além disso, havia a vontade de mostrar ao grupo de profissionais haitianos a preocupação em pesquisar e estudar a história social, política e sanitária do país e não apenas levar um pacote pronto de técnicas e ferramentas de epidemiologia e estatística.

Estava implícito o compromisso da equipe de trabalho em estabelecer vínculos e uma relação de respeito com os trabalhadores de saúde do Haiti. Além disso, reafirmar a vontade de conhecer o povo haitiano, sua cultura, a saga revolucionária, inscrita no imaginário e no dia-a-dia da população, presente nas referências marcadas no tecido urbano, onde encontramos a cada passo os nomes de Toussaint e Dessalines, Petion e Henri-Cristhophe, Ti Noel e Macandal. A figura lendária de Macandal é a de um escravo que liderou uma das primeiras insurreições no Haiti. Profundo conhecedor de ervas e plantas, ele organizou uma série de ações de revolta em que envenenava a população branca. Foi morto na fogueira, mas permanece vivo como herói popular, cantado no folclore e nos rituais de vodu.

Macandal, aquele que podia transformar-se em animal de casco, ave, peixe ou inseto. De metamorfose em metamorfose, o maneta estava em toda a parte; tinha recuperado sua integridade pessoal sob a vestimenta dos animais. Todos sabiam que o lagarto verde, a mariposa noturna, o cachorro desconhecido e o incrível pelicano não eram senão simples disfarces. Com asas um dia, guelras no outro, galopando ou rastejando, era dono dos rios subterrâneos, das cavernas da costa, das copas das árvores e reinava agora em toda ilha (CARPENTIER, 1997 p. 22).

Ao contar outra vez a mítica história da rebelião negra por meio do filme *Queimada*, queríamos, de certa forma, falar dos fatos extraordinários que aconteceram na ilha de Santo Domingo durante a guerra da independência e descritos metaforicamente nas imagens do filme. Em suma, queríamos deixar aflorar o maravilhoso e fazer coro a Carpentier (1985), quando indaga *"Mas o que é a história da América senão toda uma crônica da realidade maravilhosa?"*

Retornando ao filme, Marlon Brando interpreta o agente inglês Walker, enviado da Inglaterra para fomentar uma revolução, oferecendo aos escravos o apoio financeiro dos ingleses, que pretendiam tomar o controle da colônia e a posse das imensas riquezas produzidas pela ilha açucareira. O objetivo de Walker é contatar o líder insurgente, mas quando chega na ilha, o líder negro já havia sido preso e executado. Nesse momento conhece o escravo José Dolores, um dos poucos negros da ilha que fala inglês e que se oferece para carregar suas malas. Convencido de que este pode substituir o líder desaparecido, aproxima-se dele. Walker envolve José Dolores em uma armadilha demagógica e oculta os interesses colonialistas dos ingleses, fazendo o escravo crer que ele defende a liberdade da população negra.

Nas alusões fílmicas às revoltas escravas que ocorreram nas Antilhas, em alguns momentos há menção explícita da revolução no Haiti e da figura libertária de Toussaint l'Ouverture, o hábil estrategista que afirmou: "C'est chez nous que règne le véritable droit de l'homme" (1979).

Alguns críticos consideram anacrônico o filme de Pontecorvo, afirmando que ele se sustenta em uma dicotomia maniqueísta entre colonizador/colonizado; vítimas/algozes, senhores e escravos. Porém, o chamado maniqueísmo, no nosso ponto de vista não parece distante da dialética do Senhor e do Escravo, em tempos de neoliberalismo. Retomamos a ideia do texto hegeliano no sentido de que na relação entre dois homens no contexto de servidão somente há possibilidade de liberdade para o escravo, através da consciência e da revolução, enquanto que para o senhor não há saída, ele permanece aprisionado na armadilha do poder (SILVA, 2012a).

Outra restrição ao filme seria a ideia de conscientização oriunda das ideologias revolucionárias dos anos sessenta. O filme retrata o pensamento político da época, quando a opção pela guerrilha e a revolução cubana estavam muito presentes.

O diálogo entre Dolores preso e o soldado que o acompanha é exemplar: "Pode ser que eles o libertem, general", diz o soldado. "Se eles quiserem me libertar, eu prefiro morrer. Liberdade a gente não ganha, a gente conquista, entendeu?", "Não", responde o soldado. "Um dia você vai entender, porque já começou a pensar", conclui dialeticamente o General Dolores. Pontecorvo apresenta a passagem da consciência ingênua do revolucionário Dolores, que vai paulatinamente desvendando o mecanismo da opressão/submissão da sociedade escravocrata, para chegar à consciência crítica. Nesse sentido, mostra-se fiel aos pressupostos marxistas, em que "não é a uma consciência abstrata dos homens que determina o que eles serão, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência".

Podemos fazer uma analogia entre o processo de passagem de consciência ingênua chegando à consciência crítica, sofrido pelo revolucionário Dolores durante o filme, e o processo relatado por Freire (1996) a partir de sua experiência político-pedagógica com camponeses, a curiosidade desses diante da violência das injustiças sofridas no seu cotidiano, pois trata-se da mesma curiosidade, enquanto exercício de alteridade frente ao outro, o "não-eu", com que os cientistas e filósofos acadêmicos contemplam o mundo. A superação da ingenuidade do camponês, ocorre no processo de se tornarem epistemologicamente curiosos.

O dispositivo pedagógico proposto neste curso pretende através da problematização e de recursos como o fílmico, atuar como um catalisador desse permanente processo de transformação da curiosidade ingênua para a aprendizagem crítica e problematizadora ou curiosidade epistemológica.

Não se trata obviamente de impor à população espoliada e sofrida que se rebele, que se mobilize, que se organize para defender-se, para mudar o mundo. Trata-se, na verdade - não importa se trabalhamos com alfabetização, com saúde, com evangelização ou com todas elas -, de, simultaneamente com o trabalho específico de cada um desses campos, desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação concreta não é destino certo ou vontade de Deus, mas sim uma situação que pode ser mudada (FREIRE, 1996).

Outro ponto alto do filme refere-se ao realismo das cenas externas, o quadro da vida da população escrava, as casas precárias de pau-a-pique, a falta de água, as condições insalubres dos vilarejos, a precariedade da alimentação, o trabalho estafante na plantação e na produção do açúcar. A manutenção da escravidão pelos donos de engenho se baseava em castigos brutais e tinha um nível de perseguição implacável. As punições das chibatadas eram comuns, mutilavam-lhes membros, orelhas e genitais; amarravam-lhes grilhões e blocos de madeira; prendiam-nos a postes fincados no chão (MILANI, 2012). O realismo das cenas se contrapõem ao *glamour* de certas reconstituições históricas em que a população escrava aparece bem vestida e alimentada em relações amistosas com os colonizadores.

Vitoriosa a rebelião, proclamada a independência, José Dolores abandona as montanhas e se dirige ao litoral, acompanhado dos milhares de negros que já o seguiam, numa das mais belas cenas do filme. Seu exército marcha ao som da espetacular composição de Ennio Morricone, uma espécie de ópera rock que lembra o filme Hair, onde as vozes repetem insistentemente a palavra 'abolição'. Uma espécie de canto, de hino à liberdade, à vitória sobre todas as opressões, uma das mais generosas utopias daqueles anos sessenta, expressa pelo filme de Potencorvo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012).

Enfim, a exibição deste filme no contexto de um curso de epidemiologia, convoca o grupo para pensar em saúde/doença/atenção à saúde sem descuidar da reflexão histórica e da crítica social.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Utopias queimadas**. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/utopias_queimadas.pdf> . Acesso em: 24 jul. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular**. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/caderno_de_educacao_popular_e_saude.pdf> . Acesso em: 24 jul. 2012.

BREILH, J. **Epidemiologia crítica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

CARPENTIER, A. **O reino deste mundo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.

LOUVERTURE, T. **De l'esclavage au pouvoir**. Port-au-Prince : Edition de l'École, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Terra e Paz, 1996.

MILANI, A. A revolução negra. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/revolucao_negra_7.html>. Acesso jul. 2012.

PLANTINGA, C. R. **Rethoric and Representatiton in Nonfiction film**. Cambridge, U.K.; New York, N.Y.: Cambridge University Press, 1997.

PROJETO de Cooperação Internacional Tripartite Brasil, Haiti e Cuba. Disponível em: <<http://cooperacaotripartitehaiti.tumblr.com/>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

SILVA, R. G. A. A dialética do senhor e do escravo no contexto da consciência de si e do mundo do trabalho. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ricardogeo11/a-dialtica-do-senhor-e-do-escravo-no-contexto-da-conscincia-de-si-e-o-mundo-do-trabalho-anlise-da-alienao>>. Acesso jul. 2012a.

SILVA, T. F. Independência do Haiti. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/independencia-do-haiti/>>. Acesso em: 24 jul. 2012b.